

Escrever o que precede à ruína – desastre e suicídio em Blanchot

Piero Eyben^a

Resumo

Partindo da leitura de A escrita do desastre, de Maurice Blanchot, o presente artigo propõe discutir a questão, marginal em sua obra, do suicídio como elemento constitutivo da escrita e da noção de desastre. Uma não dialética se impõe nesse contexto, uma vez que Blanchot trabalha com a ideia de que a morte e o morrer tornam a literatura possível, não excluindo o suicídio que, como tento demonstrar no artigo, trabalha também na heteronomia da passividade. A escrita, portanto, passa a ser compreendida como um pensamento arruinado, uma aproximação não ontológica da responsabilidade, mas assombrada, desde sua origem, por sua hantologie.

Palavras-chave: *suicídio, desastre, escrita, Blanchot, hantologie.*

Recebido em: 23/12/2019.

Aceito em: 05/01/2020.

^a Piero Eyben é professor na Universidade de Brasília. Pesquisador do CNPq. E-mail: pieroeyben@gmail.com.

Diria, sem muito medo de criar este paralelo com Marx, que um espectro ronda a experiência de Blanchot – o suicídio. Mais precisamente, o suicídio assombra a escrita e seu querer morrer ou o querer escrever e a morte. Essa espécie de binômio quiasmático não representa apenas um ritornelo retórico, antes é justamente do que se trata quando a questão da escrita passa a vigorar entre a vontade, o desejo e a morte. Dito de outro modo, o espectro do suicídio dá a volta (*geht um* – diz o *Manifesto do Partido Comunista*) na experiência da escrita, naquilo que da escrita pode se configurar como um modo de operação, mas também como pulsão diante da finitude alcançada, o que implica, certamente, a discussão do que vem a ser, se é que vem, a escrita enquanto ato último, enquanto o extremo do limitável, do questionamento do limite.

Trata-se, e não sei se poderíamos pensar para fora dessa dinâmica, logo, de um assombro, do assombro que resiste na possibilidade de escrever um conceito. Qualquer conceito ou ainda um conceito que precisa ser uma proposição vinda da escrita. Questão de diferença ou também como nos propõe Derrida, quando imagina uma palavra que substitua *ontologia*: “[a]ssombrar não quer dizer estar presente, e é preciso introduzir o assombro na própria construção de um conceito. [...] Eis o que nós chamaríamos, aqui, uma assombrologia. [...] A ontologia é uma conjuração.” (DERRIDA, 1993, p. 255, tradução nossa)¹. Ao introduzir o assombro na construção do conceito, algo como uma problemática da presença se impõe. Afinal, o que assombra? A presença de um corpo compreendido como espectro, logo, retornante para onde não se suporia estar; ou a ausência do corpo diferido e reengajado por seu rastro na potência do (in)visível? De todo modo, ao conjurar a ontologia em uma *hantologie* (a *assombrologia*, que não tem em português seu traço diferencial no quase parônimo da língua em que escreve Derrida), o que se tem é justamente uma operação de convocação ao primeiro plano do ser da ausência, uma espécie de remissão da presença de todo ser pensado pela ontologia. O discurso sobre o ser ou a essência do vivente se coloca numa lógica que se espectraliza – é o próprio Derrida quem diz “esse elemento mesmo não é nem vivo nem morto, nem presente nem ausente, ele espectraliza” (1993, p. 89, tradução nossa)². Conjuração que exige, e esta é uma questão fundamental para que possamos pensar aqui o que *precede à ruína* quando

¹ “[h]anter ne veut pas dire être présent, et il faut introduire la hantise dans la construction même d’un concept. [...] Voilà ce que nous appellerions, ici, une hantologie. [...] L’ontologie est une conjuration.”

² “cet élément même n’est ni vivant ni mort, ni présent ni absent, il spectralise”

se escreve, portanto, certo grau de imprevisibilidade, certa dinâmica incalculável diante do porvir e, logo, da noção de acontecimento na medida em que ela possa se aproximar do desastre blanchotiano. O que vem, como um espectro, chega e toma lugar em que circunstância? É válido impor-se a pergunta acerca da circunstancialidade do acontecimento ou mesmo do desastre, que ainda parece desestabilizar qualquer acontecer?

Nesse sentido, duas questões, ou melhor, duas respostas a uma série de *não haver questão* parecem manter ativa a quase transcendentalidade do acontecimento assombroso. (1) De um lado, *o próprio do conceito*, aquilo que nele contém e desloca a sua possibilidade na escrita. O fragmentário – escolha consciente de Blanchot para uma escrita que não poderia mais se manter na lógica da teoria ou do relato e, portanto, que exige a linguagem poética em sua dimensão sempre infinita diante da vinda do outro – convoca uma impropriedade de qualquer conceito propositivo. E, nesse ponto, Blanchot (1980, p. 55, tradução nossa) impõe a *paciência* do conceito como necessidade de uma “urgência extrema”, ali onde se está sempre “para além da idade [...] que não é preciso findar muito rápido, que o fim é sempre prematuro, que ele é a pressa do Finito ao qual de uma vez por todas se quer se confiar sem pressentir que o Finito não é senão o redobramento do Infinito” (BLANCHOT, 1980, p. 54, tradução nossa). Morre-se sempre cedo demais, e, no entanto, há uma paciência que não tem mais tempo para qualquer questão num “tempo da não-aparição em que se morre não fenomenalmente, sem se dar conta de todos e de si mesmo, sem rodeios, sem deixar rastros e, logo, sem morrer” (BLANCHOT, 1980, p. 55, tradução nossa). O conceito aqui se furta em ser resposta a uma questão por sua irredutibilidade diante desse tempo sem aparição fenomênica. O que vale dizer que na pressuposta impaciência de um suicida há de fato essa confiança no Finito, sem pressentimento, como uma dobra do que interrompe a totalidade. A “construção do conceito” assombrada pela sua ausência espectral vive sua queda quando do choque do infinito e do caminho “soberanamente paciente, isto é, passivo fora de qualquer soberania” (BLANCHOT, 1980, p. 57, tradução nossa). O que lhe é próprio, então, não é senão aquilo que não lhe pertence, aquilo que lhe está na sombra de sua presença. A propriedade de um conceito parece se sujar no mais impróprio, no ponto em que ele não responde a

uma questão (a um passo em que a prosa exigiria a pergunta *o que é...?*). O assombro do conceito, e logo seu discurso, faz surgir na demanda um segundo grau, uma precedência da resposta, uma impropriedade em si ou no si. É dessa abertura que o acontecimento parece tratar: estar diante do outro e assim, do impróprio, do incodificável por leis que sejam as da ipseidade de uma pergunta cuja resposta fosse um conceito. Essa passividade do pensamento impede qualquer entrada na presença, exige mesmo uma outra temporalidade, aquela do porvir, em que nada será representado, ou se deixar “constituir fundamentalmente por uma representação” (BLANCHOT, 1980, p. 57, tradução nossa). A proximidade entre um e outro parece se fazer para Blanchot como a própria estruturalidade do fragmentário, em que o desastre permanece como ruína, ou “*ce qui reste sans reste*” (BLANCHOT, 1980, p. 58). O que resta sem resto, mas também o que permanece sem permanecer, ou, numa palavra, o que demora. E é dessa demora que trata a espectralidade do conceito, seu assombro em nunca ser resposta duma formulação anterior à vinda do outro. Demora já que faz morada, permanece; mas também guarda o que fica, o resto inutilizado pela presença. O que demora no conceito e, nesse sentido, poderíamos dizer que há uma finalidade, uma propriedade do conceito, é justamente sua escrita como resposta à passividade que seja exterior à soberania – portanto, não se trata nem de imobilidade nem de servilismo, antes, a inoperância aqui força um *coming out* da aparência, do presente.

(2) De outro, a *quase inapreensibilidade do desastre*, como ela se apresenta na escrita de Blanchot. Evidentemente não pretendo traçar aqui todo o desenvolvimento escriptivo do desastre no fragmentário da obra e, logo, tomarei apenas três momentos. (a) O primeiro, que funcionaria como um quase aforismo se não fosse por sua dicção ficcional projetando algo como uma hipótese que não é clarificada por Blanchot (1980, p. 71, tradução nossa): “*Perigo de que o desastre tome sentido em lugar de tomar corpo*”³. Está em jogo aqui a duplicidade do que se pode *tomar* entre forma e sentido, entre aquilo que no desastre é *sentido ausente* e escrita de uma forma sem forma, ou melhor, a falta que constitui todo desastre como separação e fim da cultura. Se se escreve o desastre, nada como aquilo que produza uma significação pode estar em seu limiar; se se escreve o desastre, o sentido ausente constitui esse “desastre

³ “*Danger que le désastre prenne sens au lieu de prendre corps*”.

do pensamento” ou a perda pela própria escrita. Como bem diz Blanchot (1980, p. 71, tradução nossa), essa não apreensão do desastre se escreve e informa um sentido ausente que não seria nunca uma ausência de sentido; antes, em sua queda, a escrita do desastre torna toda escrita uma afirmação passiva diante da amizade e do outro que faz “o contato, a desligação de sentido ausente – a amizade.”⁴. Esse sentido não sendo o ontológico, não é senão o “suspiro do sentido, sentido expirado” (BLANCHOT, 1980, p. 71, tradução nossa). Sentido construído na ausência, a tomada do corpo deveria anteceder – e essa é a hipotética ficção a qual a voz em itálico no texto de Blanchot tanto teme em não se dar – a construção da significação, a lógica do analítico, do campo hermenêutico, da intromissão do comentário. Em diversos momentos, Blanchot (1980, p. 77, tradução nossa) assume o não pertencimento do corpo – sempre em relação dissimétrica do um e do outro, sempre como aquilo que se desconhece do *moi*, ou na atualidade do que seria a vida – esse que é “mortal imortal, irreal, imaginário, fragmentário”, esse que se faz numa temporalidade do “*déjà et encore* [já e ainda]”⁵ ao pensamento. Desse modo, o desastre necessita correr o risco, pôr-se em perigo, de anteceder o corpo ao sentido, justamente naquilo que ele é “passividade sofrente, cadavérica, exposta ou superficial, o grito sob a palavra, o não-espiritual do escrito” (BLANCHOT, 1980, p. 68, tradução nossa). Uma vez compreendido como exposição, não-interioridade, atropelo do fora, o corpo pode se compor do lugar mais impróprio da escrita, da nomeação: seu desaparecimento. O *perigo* aqui é evidente: dizer uma palavra e dar a ela um sentido antes de ela poder ser escrita. Todo desastre corre perigo já que se funda sob um fundo sem fundamento, logo, na dispersão do espiritual, na retomada do corpo antes de qualquer sentido. (b) O segundo aparece numa adversativa em face da questão da linguagem diante do outro e diz: “Mas o desastre é desconhecido, o nome desconhecido pelo qual no próprio pensamento nos dissuade a ser pensado, nos distanciando pela proximidade [...] [o pensamento como] a afirmação intensa, silenciosa e desastrosa do fora” (BLANCHOT, 1980, p. 14, tradução nossa)⁶. Trata-se mesmo do que é mais impróprio na relação constituída pelo pensamento como fora, como uma proximidade distante, por uma espécie de descarte “dissuasivo” da ontologia. O desconhecido aqui não se refere ao que se passa a conhecer,

⁴ “Le contact, la déliaison de sens absent – l’amitié.”

⁵ A tradução da expressão em francês é da responsabilidade dos editores, sendo apenas operacional, visando a uma maior inclusão dos leitores; ela não pretende esgotar a pluralidade de possibilidades de sentido do original.

⁶ “Mais le désastre est inconnu, le nom inconnu pour ce qui dans la pensée même nous dissuade d’être pensé, nous éloignant par la proximité. [...] [pensamento como] l’affirmation intense, silencieuse et désastreuse du dehors”.

ele permanece, ele tem efeito de resto, como ainda diz Blanchot (1980, p. 12, tradução nossa), é uma “segunda intenção [arrière-pensée]”⁷, um “manter-se à distância do pensamento [pensée]”. Essa precedência arruinada pelo desastre confere à escrita o espaço de impropriedade do pensamento que se mantém não como o que projeta a novidade do novo, a disposição inesperada e alcançada (por toda vanguarda, por exemplo). Antes, como num movimento de retração, retraimento, retraço, retirada, o desastre afirma o que está na linguagem não como fala, produtora de significação de uma presença nova ou esperada, mas como o que não pode ser apropriado pelo saber: a singularidade do desconhecido. (c) E o terceiro, a partir da sentença que abre a obra: “O desastre arruína tudo deixando tudo no estado” (BLANCHOT, 1980, p. 7, tradução nossa)⁸. Relação intersubjetiva, o outro é visto como essa ameaça do que é “em mim o que é fora de mim”. A ruína do desastre constitui algo como um abandono do tempo dessa ameaça, um tempo “tousjours déjà passé [sempre já passado]”⁹. Nesse abandono – como abandonamos as cidades arruinadas pelo tempo muito antes que sejam justamente o que sempre foram, ruínas antecipadas –, o deixar-se no estado nada mais é do que a configuração da passividade desse outro que devem outro quando, deixado de lado o eu, o outro é qualquer outro que não eu. A sobrevivência do desastre reforça essa temporalidade impossível a que Blanchot impõe o pensamento. Ele separa drasticamente o “estado”, dando-o por sem porvir, sem vinda, sem ocorrência, não eventivo. O estado deixado do desastre, sua ruína e seu modo de arruinar, remarca essa distância que produz a escrita como uma intensidade sem soberano, sem aparecimento fenomenológico, sem importância alguma, uma “iminência (...) a espera do não-poder” (BLANCHOT, 1980, p. 24, tradução nossa).

De certo modo, essas respostas apontam para a abertura que faz Blanchot em sua escrita comunitária: espécie de desconstrução da ontologia e, aqui, o fundamento *suicidário* dessa escrita. É nesse sentido que proponho essa leitura: a partir do giro que faz o próprio autor “daquele que vive no assombro do desmoronamento iminente” (BLANCHOT, 1980, p. 109, tradução nossa) e também da proposta de reversão da ontologia, proposta por Derrida em *Spectres de Marx*, sob o nome de *hantologie*. Não tratarei, portanto, de toda a disseminação

⁷ A tradução das expressões em francês é da responsabilidade dos editores, sendo apenas operacional, visando a uma maior inclusão dos leitores; ela não pretende esgotar a pluralidade de possibilidades de sentido do original.

⁸ “Le désastre ruine tout en laissant tout en l'état”.

⁹ A tradução da expressão em francês é da responsabilidade dos editores, sendo apenas operacional, visando a uma maior inclusão dos leitores; ela não pretende esgotar a pluralidade de possibilidades de sentido do original.

que se ordena no corpo dessa escrita do desastre. Aliás, tomarei mesmo um feixe muito marginal no pensamento e na escrita de Blanchot: o suicídio. E, ainda mais, não do suicídio em geral, mas da *hantologie* do suicídio, em como esse modo do morrer figura (e, por que não, fulgura?) o desastre e, logo, a escrita. Isso pode querer dizer que em todo morrer há como que o assombro do suicídio. Ele contamina esse ato de passividade e cria uma série de disfunções sobre sua própria potencialidade. Desse modo, o suicídio precede o morrer, em algo que se retém nessa concepção *hantologique*, no sentido descrito por Derrida como:

Repetição e primeira vez, eis, talvez, a questão do acontecimento como questão do fantasma: *o que é um fantasma? O que é a efetividade ou a presença de um espectro, isto é, o que parece permanecer tão inefetivo, virtual, inconstante quanto um simulacro? Há, aqui, entre a própria coisa e seu simulacro uma oposição que se mantém? Repetição e primeira vez, mas também repetição e última vez, pois a singularidade de toda primeira vez se faz também uma última vez. Cada vez, é o próprio acontecimento, uma primeira vez é uma última vez. Totalmente outra. Encenada pour um fim da história. Chamemos isso uma hantologie. Esta lógica do assombro não seria somente mais ampla e mais potente que uma ontologia ou que um pensamento do ser. (DERRIDA, 1993, p. 31, tradução nossa)¹⁰*

¹⁰“Répétition et première fois, voilà peut-être la question de l'événement comme question du fantôme : qu'est-ce qu'un fantôme ? qu'est-ce que l'effectivité ou la présence d'un spectre, c'est-à-dire de ce qui semble rester aussi ineffetif, virtuel, inconsistant qu'un simulacre ? Y a-t-il là, entre la chose même et son simulacre, une opposition qui tienne ? Répétition et première fois mais aussi répétition et dernière fois, car la singularité de toute première fois en fait aussi une dernière fois. Chaque fois, c'est l'événement même, une première fois est une dernière fois. Toute autre. Mise en scène pour une fin de l'histoire. Appelons cela une hantologie. Cette logique de la hantise ne serait pas seulement plus ample et plus puissante qu'une ontologie ou qu'une pensée de l'être.”

O que é o fantasma do suicídio? Talvez essa seja a pergunta guardada e que Blanchot não faz, e não a faz também por não passar ao ato. O que se murmura contra si mesmo ou o que permanece mudo e ativo nessa distensão entre a vida apagada e o tornar público da comunicação, da comunidade? Repetição e primeira e última vez. A pergunta gira em torno de certa virtualidade, inconsistência e simulacro da noção de suicídio tal como ela aparece em *L'écriture du désastre*. Isso sempre tomado na singularidade que se pode vislumbrar do “estado” mantido pelo desastre na relação intersubjetiva entre o *eu* e o *outro*, ou seja, numa espécie de demanda que deve perpassar a questão do suicídio não como uma morte meramente narcísica, individualizada pelo mesmo, pela aproximação com certo conceito moderno de sujeito e de sua manutenção nessa totalidade da *res extensa* enquanto realidade corpórea distinta da *res cogitans*. E é na repetição dessa primeira e última vez que devemos nos concentrar para *reimaginar* a extensão que vai do corpo ao inapreensível do

desastre, ao impróprio da escrita que nasce num suicídio a cada vez já dado e, logo, numa espécie de fratura constituída pela paixão “na relação heteronômica com a lei e com o outro [...] [que] se trata de uma passividade da paixão anterior ou para além da oposição entre passividade e atividade” (DERRIDA, 1998, p. 26-27, tradução nossa). O acontecimento do desastre – que Blanchot insiste em dizer que não chega a acontecer – reside mesmo nessa precedência arruinada do suicídio, ali onde esse fantasma desloca a atualidade do gesto e a virtualidade da cena por essa espécie de morte que é sempre uma suspensão, mas também uma antecipação, “o encontro da morte como antecipação com a própria morte (...) encontro entre o que vai acontecer [*va arriver*] e o que aconteceu [*est arrivé*]” (DERRIDA, 1998, p. 82, tradução nossa). Então como pensar esse fantasma do acontecimento – no duplo genitivo que podemos descrever a partir dessa expressão: do fantasma que pertence ao acontecer e do acontecer como simulacro fantasmático – senão como uma perda significativa da oposição entre “própria coisa e seu simulacro”? Estendendo a pergunta que faz Derrida: há isso, algo como um “seu” simulacro, uma propriedade e uma atribuição conferida ao simulacro pela coisa que o antecederia? A repetição como singularidade impõe um questionamento exaustivo de toda origem, de todo originário e, assim, produz essa condição de possibilidade diante do oximoro que pretende deixar aparecer a *efetividade de um espectro*, deixar aparecer o desastre.

É Blanchot (1980, p. 162, tradução nossa) quem chama atenção para o acontecimento e ele mesmo propõe a trilha entre desastre, desejo e acontecer: “*Ereignis*, palavra ‘última’ do pensamento, não põe talvez em jogo senão o jogo do idioma do desejo”. O problema, o que se coloca em jogo, está justamente nesse idioma que precisa dar conta do *desejo da escrita*: aquela escrita que exige do escritor algo (e, logo, o torna passivo em sua tarefa de juntar significantes e pressupor significados) e, por isso, constitui seu desejo como anterior a qualquer ato; e aquele desejo que o escritor exige do mundo e que faz dele um produtor (ativo?). Esse desejo é não coincidente e se escreve para Blanchot (1980, p. 72, tradução nossa) como *desejo de morrer*, essa “potência impotente que atravessa o escrever, como o escrever é a dilaceração desejada, não desejada, sofrendo tudo até a impaciência”. Esse acontecimento desastroso fomenta

a escrita e constitui o que seria o mais próprio do corpo *suicidário*. Questionando a união possível desse duplo genitivo do *desejo* e da *escrita*, o suicídio parece estabelecer justamente a marca infranqueável que Blanchot nomeia por desastre e que se apresenta num *mal de escrita* (EYBEN, 2017), em que a antecipação da morte retoma a aporia da impossibilidade da morte e no qual a mutilação do sentido faz da escrita um amontoado de restos que questiona a estrutura de toda escritura. Num só movimento, Blanchot (1980, p. 22, tradução nossa) apresenta a responsabilidade extremada da escrita justamente quando esta se confronta com o desejo de morrer que “libera do dever de viver, quer dizer, tem esse efeito de que *se vive sem obrigação*”. Nenhuma obrigação em permanecer vivo, logo, vive-se numa dicção que é a do dever responsável e não moralista. Nisso não podemos entender uma ética negativa (muito menos niilista), já que todo desastre participa de uma escrita que pertence à comunidade, à comunicação e ao ser-com-o-outro, sem soberania. Toda resposta do desastre – e por resposta, a responsabilidade já se encontra compreendida nessa anterioridade ética sobre aquela ontológica – “parece permanecer também inefetiva, virtual, inconstante”, como diz Derrida acerca do espectro. E ela permanece assim porque o desejo de morrer operante com o desejo da escrita é nada mais que um “desejo que passa pelo morrer impróprio sem nele passar além de si mesmo” (BLANCHOT, 1980, p. 53, tradução nossa), tendo em vista que ele faz da propriedade da morte – sua impossibilidade possível, no dizer heideggeriano presente no texto de Blanchot – aquilo que há de mais impróprio, e o faz passando como quem ultrapassa (*passer* e *dépasser*) negativamente. Nada além de passar pelo morrer sem o anular naquilo que lhe é mais próprio. O desejo de morrer não é ainda o morrer, não é também o suicídio – que pressupõe uma passividade ativa –, mas ele constitui esse impulso de morrer que coloca em cena a perda (não a do desejo de toda especulação psicanalítica, mas a do desejo como sempre um desejo de morrer). Trata-se, por isso, de uma *hantologie* do morrer, do suicídio que reestabelece um sulco no corpo mesmo da escrita e, assim, na possibilidade da morte como tal por certo empreendimento metafísico acerca do prazo, da temporalidade e da disjunção nascente nesse desejo.

A passividade da escrita pressupõe um “escrever sem o desejar”. Essa extremidade, Blanchot (1980, p. 207, tradução nossa) também nomeia como desejo de morrer, “no choque que nisso se disjunta, o desejo de morrer, um extinguindo-se, despertando-se pelo outro numa perpetuidade que parece enganar o tempo, pelo menos o muda, de tal sorte que a instabilidade do desastre não possa se esgotar em declínio”. Como o suicídio, que se constrói nas inúmeras tentativas de *ausentificar* o corpo, de violá-lo como mera matéria extensiva e não compreendida na *alteridade*, algo se extingue e se desperta na passagem temporal do um ao outro. Não parece se tratar, portanto, de um declínio da relação intersubjetiva, mas de um outro modo de compreender o sujeito que precisa lidar com a potência diferencial do conjunto de circunstâncias testemunhadas e, logo, possíveis de serem relatadas, narradas e confirmadas pela vivência; e com a impotência que acaba por produzir uma espécie de rumor contra si, contra todo si ensimesmado, pelo discurso da escrita. A ordem aqui resvala desse desejo de morrer que potencialmente se declina num suicídio e, ao mesmo tempo, converte-se numa impotência clara da ordem mortífera que interrompe o mito narcísico e faz do suicídio um ato do desejo de escrever passivamente.

Numa espécie de senda metapsicológica, Lacan nos oferece duas pistas dessa trilha *suicidária* na constituição do sujeito. Na primeira, ele procura pensar a “tendência suicida” numa busca sempre original que vai da *pulsão de morte* ou *masoquismo primordial*, tomados de Freud, e que dependeria de certa compreensão da morte do homem como “experimentada na fase de miséria original que ele vive do *trauma do nascimento* até o fim dos seis primeiros meses de *prematuração fisiológica*, e que vai se manter em seguida no *trauma de desmame*” (LACAN, 1966, p. 186-187, tradução nossa). Linguagem do trauma, portanto, e num ponto que seria fundante à constituição do sujeito que não experimenta a morte como uma generalidade sócio-antro-centrada, como se houvesse a compreensão de que “todo homem morre”, de que somos mortais. É antes, nesse conjunto traumático, que se marca a singularidade de sua mortalidade e, como segue proposto, sua “tendência” *suicidária*, seu primeiro ataque a uma vida que não lhe foi concedida – e essa é a radicalidade desse pensamento – mas que o mata. A vida é lida antes como miséria e não como dádiva. A relação

violenta com o outro já está estabelecida. E, nesse ponto, a segunda pista também surge por “essa assunção pelo homem de seu dilaceramento original, pelo qual se pode dizer que a cada instante ele constitui seu mundo por seu suicídio” (LACAN, 1966, p. 124, tradução nossa). A linguagem analítica propõe que esse dilaceramento esteja conforme com os traumas ligados à nutrição e ao afeto na constituição do mundo da lei e do nome que produzirão o sujeito. No entanto, a linguagem de Lacan, nesses textos, é demasiadamente povoada de um padrão fenomenológico para compreender, ou melhor, dar sentido ao que poderia ser isto, um homem. Capaz de constituir um mundo, o homem é justamente aquele capaz de *weltbilden* (formador de mundo), na linguagem e na diferenciação que Heidegger fará entre o animal (*weltarm*, pobre de mundo) e a pedra (*weltlos*, sem mundo), nos *Conceitos fundamentais da metafísica* (1983). Sendo assim, é ele quem constitui o mundo, ou seja, dá sentido a sua finitude e existência. A temporalidade que Lacan propõe nessa segunda pista é mais diferida se tomada em contraste com a primeira – marcadamente freudiana – e propõe um tempo que talvez se assemelhasse a experiência da diferença e do acontecimento, em que o homem precisa assumir uma “origem” que segue, “a cada instante”, um rastro¹¹. “Seu mundo por seu suicídio” reverbera a sentença trágica do sujeito – *my kingdom for a horse* – que não dá sentido senão por isso que seria a passagem ao ato da morte voluntária. Mesmo que em Lacan o suicídio seja definido, aqui, por uma assunção desse dilaceramento original, é interessante notar não apenas sua permanência, mas seu efeito de resto que vai constituir a escrita suicidária, ou ainda, o desejo de escrever.

Blanchot (1980, p. 180, tradução nossa) escreve, na esteira de Derrida que permanece subentendido num fragmento, que “não há origem, se origem supõe uma presença original. Sempre passado, outrora e já passado, algo que se passou sem ser presente”. O começo como rastro reiterativo do que seria uma desconstrução da *presença original*. Ainda, poderia propor, com Lacoue-Labarthe (2007, p. 242, tradução nossa), que toma as cenas primitivas de Freud para afirmar também o imemorial: “Toda existência – o fato de existir – é a lembrança daquilo que, por definição, não tem nenhuma lembrança: o nascimento”. E nessa temporalidade, há apenas “a impossível experiência da morte [como] a *autorização* da literatura, não existe escritor

¹¹ Vale aqui, no entanto, pontuar que a afirmação lacaniana se constitui ainda de uma relação eventivo-causal (“pelo qual...”) que lineariza a temporalidade a uma sucessão factual e que prevê o conceito de origem como um ponto passado que pode ser recuperado por desencadeamento na história do sujeito.

preocupado com sua essência que não seja, desde sempre, já morto” (LACOUE-LABARTHE, 2007, p. 246, tradução nossa), uma vez que ele ensaia escrever essa origem dilacerada, mas dilacerada não pelo *trauma do nascimento fisiológico*, antes por aquilo que permanece esquecido desse nascimento e que recomeça a cada novo começo. Ele testemunha o *imemorial* e, com isso, contesta a morte – outra palavra de Lacoue-Labarthe (2014, p. 318, tradução nossa): “a morte é aqui *contestada*, o ‘quase-morto’ de Blanchot, isto é, o ‘sempre-já-morto’ nele (o outro que ele ‘é’), é aqui convocado como testemunha de uma conversão, ou de uma ruptura radical”. Nessa origem, *sempre-já-morta*, Blanchot coloca o suicídio como essa possibilidade de existir algo como a literatura:

Se o escrito, sempre impessoal, altera, dispensa, abole o escritor enquanto tal, senão o homem ou o sujeito escrevente [...] sim, se a obra, em sua operação, mesmo mínima que seja, é a esse ponto destruidora que chega a *engajar o operador no equivalente de um suicídio*, então como poderá se voltar (ah, o Orfeu culpado) em direção a isso que ele pensa conduzir ao dia, apreciá-lo, considerá-lo, reconhecer-se e, para terminar, se fazer o leitor privilegiado, o comentador principal ou simplesmente o auxiliar zeloso que dá ou impõe sua versão, resolve o enigma, entrega o segredo e interrompe autoritariamente [...] a cadeia hermenêutica, já que ele se pretende o intérprete suficiente, primeiro ou último? (BLANCHOT, 1983, p. 88, tradução e *grifos nossos*)

O engajamento está posto para sua operação: o operador – palavra mallarmaica para a atividade do poeta – deve aproximar-se de seu suicídio que precede toda esfera subjetiva do escritor como detentor do saber sobre sua obra, totalidade em que seu *eu sou* seria a única marca de autoridade hermenêutica. O suicídio da obra, o escrito, portanto, refere-se a essa impessoalidade que destitui o escritor. Pelo ato destruidor, a lei dessa tentação hermenêutica e afirmativa de uma dada subjetividade é recolocada por Blanchot como o que produz a heteronomia entre ela mesma e o outro, entre aquilo que constitui o mundo do sujeito e aquele que faz desmoronar esse mundo: o desejo de escrever. Importa, assim, notar que o suicídio aparece em oito fragmentos de *L’écriture du désastre*. Esse não é um dado irrelevante, antes demonstra certo desenvolvimento da noção para Blanchot, que inicia com a simples citação de uma situação “libertária” do suicídio como

ilusão até um dos maiores fragmentos da obra, em que de fato o quase conceito é debatido.

Essa escrita que pretende mostrar o extravio da necessidade do desastre se escreve como relação, e é o que tenho tentado falar aqui, com o desejo de morrer inscrito na passividade. Essa relação, no entanto, é sempre significada por uma separação absoluta – contida na própria noção de *desastre*. Nessa separação, produz-se a diacronia constitutiva da responsabilidade e que para Blanchot parece soar nisso que é passivo na escrita. Levinas (2004, p. 127, tradução nossa) aponta uma “impossibilidade de ser junto [como] o rastro da diacronia do um-pelo-outro: da *separação* à guisa de interioridade e do *pelo-outro* à guisa de responsabilidade”. Nesse sentido está justamente a disjunção do sujeito cartesiano que não corrobora a noção ética dessa separação. É nessa vivência diacrônica que o morrer surge para Blanchot e pareceria fazer o sujeito escapar ao desastre. É nesse contexto que aparece inicialmente o suicídio: “de onde a ilusão que o suicídio libera (mas a consciência da ilusão não a dissipa, não nos deixa nos desviar dela)” (BLANCHOT, 1980, p. 9, tradução nossa). Esse sentimento de escape pela morte é criticado por Blanchot – que retira, parece evidente, a ideia de escapismo do próprio suicídio – uma vez que a morte vã (como toda morte parece ser vã a ele) não está ligada ao “espaçamento do morrer” do qual o desastre é suplemento. Nesse sentido, vale dizer que essa primeira ideia do suicídio, então, está mais próxima do morrer do que da morte, que estaria ligada à *ilusão do suicídio*. Pelo desastre do suicídio, a escrita se faz como essa impossibilidade de desvio, e impossibilidade não por uma ação premeditada do sujeito contra a ilusão, mas por aquilo que já e sempre já passou na passividade.

Poucas páginas adiante, a voz ficcional e narrativa diz: “*Ele se dizia: tu não te matarás, teu suicídio te precede. Ou então: ele morre inapto a morrer*” (BLANCHOT, 1980, p. 13, tradução nossa). Abre-se aqui a relação faltosa do início da ética, mas tomada não como um *não matarás* generalizado por essa voz total e totalmente apartada que constitui a dicção divina, mais anterior e metafísica. Ela se revela como uma fala reflexiva que se diz a si mesmo, mas que toma na neutralidade blanchotiana a forma impessoal de quem poderia ser esse si que se dirige ao tu. A alteridade como marca dessa disjunção diacrônica

no sujeito (na responsabilidade, ainda seria melhor) que diz a si como se diz ao outro e, por isso, é que diz internamente. Não se trata aqui de um *dito*, uma lei anterior, mas do próprio *dizer* que produz esse sentido inapropriável à totalidade de um *si mesmo*. A marca escolhida por Blanchot é a do imperfeito, que, além de diferir o tempo, cria essa descontinuidade entre representação e discurso, entre fato ocorrido e discurso indireto livre. O *não matarás* constituinte do rosto levinasiano é tomado numa dimensão de troca material, num corpo que se sabe afetado negativamente por sua liberação advinda do desejo de morrer. E é assim que podemos formular uma ideia de que a morte dada a si não é o suicídio. Este se faz duplamente – frequentemente reconhecido pelo duplo pronome do verbo *suicidar-se*, onde quem suicida se mata a si mesmo e quem se suicida recebe o matar-se de ainda uma terceira pessoa. *Não te matarás*, como num dos mandamentos, revela essa lei a que o desastre se coloca como distante e deslocado, numa transgressão; enquanto a ideia de precedência do suicídio, mais especificamente do suicídio que é destinado a um *ti*, a uma singularidade, torna esse “mandamento” mais original e anterior ao ato. Por isso a explicação aforismática final: *ele morre inapto a morrer*. Não se trata de uma aptidão mortuária do sujeito que decide se matar, não se trata de um ato, mas de algo que viria “do para além da decisão” (BLANCHOT, 1980, p. 12, tradução nossa). Ele, impessoal, destituído, é inapto, porque o morrer – e sobretudo o morrer em ato – torna imprópria toda morte porque ela já passou, já veio passivamente como desastre.

A citação de *Die Nachtwachen des Bonaventura* abre a discussão do suicídio como relação aberta a um encontro com o nada, na qual o sujeito decide que “não deixo nada para trás de mim” (BLANCHOT, 1980, p. 54, tradução nossa) e, logo, o que ele carrega é esse eu num tempo em que “fora de mim, eu tentava me anular, mas eu permaneceria, e me sentia imortal” (BLANCHOT, 1980, p. 55, tradução nossa). Trata-se sempre desse espaço fora do sujeito (e o contexto aqui é o do pensamento romântico acerca do suicídio, como ficará evidente em seguida). E está fora do sujeito essa “morte absoluta” em que “a vida não nasce senão de uma morte ininterrupta” (BLANCHOT, 1980, p. 54, tradução nossa). À guisa de paradoxo, comum na escrita do desastre, Blanchot escreve:

A afirmação, frequentemente mal citada ou facilmente traduzida, de Novalis: o verdadeiro ato filosófico é o dar à morte de si mesmo (o morrer de si, si como *morrer*, *Selbsttötung* e não *Selbstmord*, o movimento mortal do mesmo ao outro). O suicídio como movimento mortal do mesmo nunca pode ser projetado, porque o acontecimento do suicídio se cumpre no interior de um círculo à margem de todo projeto, talvez de todo pensamento ou de toda verdade – assim ele é sentido como inverificável, ou mesmo incognoscível, e toda razão que se dá a ele, por mais justa que ela seja, parece sem conveniência. Matar-se é se estabelecer no espaço interdito a todos, quer dizer, a si mesmo: a *clandestinidade*, o *não fenomenal* da relação humana é a essência do “suicídio” sempre escondido, menos porque a morte está aí em jogo do que porque morrer – a própria passividade – devém aí ação e se mostra no ato de se esquivar, fora do fenômeno. Quem é tentado pelo suicídio é tentado pelo invisível, segredo sem rosto.

Há razões para se dar a morte e o ato do suicídio não é irrazoável, mas ele encerra aquele que crê cumpri-lo num espaço definitivamente subtraído à razão (bem como a seu contrário, o irracional) estranho ao querer e talvez ao *desejo*, de sorte que aquele que se mata, mesmo se busca o espetáculo, escapa a toda manifestação, entra numa zona de “opacidade maléfica” (diz Baudelaire) onde, toda relação consigo mesmo como com o outro sendo rompida, reina a não-relação, a diferença paradoxal, definitiva e solene. Isso se passa antes de toda decisão livre, sem necessidade e como que por acaso: no entanto, sob uma pressão tal que não há nada de bastante passivo em si para conter (e mesmo sofrer) a atração. (BLANCHOT, 1980, p. 56-57, tradução nossa)

É no pensamento fragmentário – como sugere Bident (1998, p. 509, tradução nossa), como exigência de uma “escrita poética do pensamento” ou da impossibilidade em “enraizar a dureza da linguagem, nem mesmo a estratificar”, onde “cada fragmento impõe seu próprio código, sua própria origem, sua própria reversibilidade nocional” – dos românticos alemães que surge essa espécie de refutação aparente do suicídio. Se o suicídio aparece aqui como não suficientemente passivo como o morrer, há ainda nele algo que não pertenceria a essa “opacidade maléfica” de uma consciência pretensamente livre em se dar a morte. Sua tentação invisível e secreta pode caber naquilo que se cumpre como acontecimento – logo à *l'écart de tout projet* [afastado de todo projeto]¹² – se ele for lido e realizado como esse movimento do mesmo ao outro. A crítica blanchotiana recai sobre a ipseidade do ato que encerra o

¹² A tradução da expressão em francês é da responsabilidade dos editores, sendo apenas operacional, visando a uma maior inclusão dos leitores; ela não pretende esgotar a pluralidade de possibilidades de sentido do original.

sujeito na não-irrupção relacional da intersubjetividade. Há aquele movimento em que o *desejo* (de morrer, como vimos) permanece como diferença paradoxal e como anterioridade. Valeria perguntar de onde vem o excesso de pressão, de onde esse conjunto, que reconhece o suicídio como um *levar-se a morte de si mesmo*, produziu a interdição, o discurso de que o sujeito estaria agindo por si e em si, dispensando o outro? Algo oscila aqui na delimitação, ou na tentativa de delimitação, do suicídio enquanto ato filosófico – esse sim, morrer de si.

Na escrita disruptiva de Blanchot, a tarefa do escritor provém desse não pertencimento de si mesmo que não é capaz de permitir a um *eu* afirmar-se senão como já perdido de sua mesmidade. É a escrita que faz isso, e é nesse sentido que a autobiografia entra na dicção do discurso *suicidário*. Diz Blanchot (1980, p. 105, tradução nossa): “escrever sua autobiografia, seja para se confessar, seja para se analisar, seja para se expor aos olhos de todos, à maneira de uma obra de arte, é talvez buscar sobreviver, mas por um suicídio perpétuo – morte total enquanto fragmentária”. A essa morte perpétua, que se faz fragmentariamente, que se totaliza no fragmentário, Blanchot aponta o desejo de sobrevivência, que precisa ser tomado não como máxima latina de vida na obra, mas como aquilo que, tendo passado pela experiência impossível da morte, vive depois e em suplemento. Ele precisa do “salto mortal (...) sem o qual ele não escreveria” (BLANCHOT, 1980, p. 105, tradução nossa), mas materialmente “é preciso que ele não aconteça” (BLANCHOT, 1980, p. 106, tradução nossa). Temos aí o imperativo da escrita do desastre: permitir o infinito dessa sobrevivência, permitir o infinito desse suicídio. A biografia de um escritor: “*morreu, viveu, morreu*” (BLANCHOT, 1980, p. 61, tradução nossa). É vindo dessa morte que ele responde, vindo dessa dupla morte que ele mesmo se deu, e se deu antes mesmo de ter vivido. Escrever é sempre se autobiografar, ou melhor, se *autobiotanatografar* na compreensão de sua neutralidade e na invenção da passividade.

O mais longo fragmento de *L'écriture du désastre* que se ocupa do suicídio o faz em cinco páginas e vai da compreensão da “morte impossível necessária” à insignificância da própria morte. Entre uma e outra está o suicídio. O *infans* de Leclair é a base do que Blanchot nomeia uma vida e uma fala que deve se fazer por uma restrição: matar “o *infans* em si (em

outrem também)” (BLANCHOT, 1980, p. 110, tradução nossa), isto é, “trata-se de destruir o indestrutível e mesmo de pôr fim (não duma vez, mas constantemente) àquilo a que não se tem, jamais se teve, nem se terá acesso – ou seja, a morte impossível necessária” (BLANCHOT, 1980, p. 111, tradução nossa). É desse espectro, desse assombro, que vem a negatividade da morte já ter ocorrido, já ter tomado um espaço diferente da morte *orgânica* que virá. Blanchot reconhece aqui um traço da dialética hegeliana que também vive a “experiência inexperimentável da morte”, numa duplicidade entre o natural e o conceitual da morte. Nesse caminho, a impotência, essa negatividade que implica uma impossibilidade da morte, a morte não poderia ser atravessada – essa é uma necessidade – quando de sua passagem entre aquela possível e essa que se configura como a própria impossibilidade. A *mise à l’œuvre* [colocação em obra]¹³ da morte (e Blanchot inclui o suicídio aqui) cria esse problema entre potencialidade e impossibilidade. No entanto, ele ainda aponta que no *infans* de Leclair e na criança de Winnicott está já aquela morta, não demandando a morte a posteriori e “tornando vã qualquer refutação do suicídio” (BLANCHOT, 1980, p. 113, tradução nossa), uma vez que não há confusão alguma entre essas duas mortes, dadas por si como outro. E nesse ponto, Blanchot propõe que leiamos o suicídio de outro modo.

É possível que o suicídio seja a maneira pela qual o inconsciente (a vigília em sua vigilância não despertada) nos adverte que alguma coisa claudica na dialética, nos relembrando que a criança sempre a matar é a criança já morta e que assim, no suicídio – aquilo que nomeamos assim –, *não se passa simplesmente nada*; de onde o sentimento de incredulidade, de pavor que ele nos fornece sempre, ao mesmo tempo que ele suscita o desejo de refutá-lo, quer dizer, de torná-lo real, quer dizer, impossível. O “não se passa nada” do suicídio pode justamente receber a forma de um acontecimento numa história que, por aí, por este fim audacioso, resultado aparente de uma iniciativa, toma um *rumo* individual: o que faz enigma, é que, precisamente me matando, “eu” não “me” mato, mas, revelando de alguma maneira a merda ao inimigo, alguém (ou alguma coisa) se serve de um eu que desaparece – em figura de Outro – para lhe revelar e revelar a todos aquilo que imediatamente escapa: a saber, o *après-coup* da morte, o passado imemorial da morte antiga. Não há morte agora ou futura (de um presente por vir). O suicídio é talvez, é sem dúvida uma burrice, mas tem por sacada tornar por um instante evidente

¹³ A tradução da expressão em francês é da responsabilidade dos editores, sendo apenas operacional, visando a uma maior inclusão dos leitores; ela não pretende esgotar a pluralidade de possibilidades de sentido do original.

– escondida – a outra burrice que é a morte dita orgânica ou natural, na medida em que esta aqui pretende se dar por distinta, definitivamente posta à parte, a não confundir, podendo ter lugar, mas não tendo lugar senão uma vez, assim a banalidade do único impensável. (BLANCHOT, 1980, p. 113-114, tradução nossa)

Modo de operação em que está clara a heteronomia passivo-ativa. O suicídio sempre anterior é justamente a marca da retração, do traço que se repete – ele tem esse “caráter repetitivo” (BLANCHOT, 1980, p. 115, tradução nossa) – enquanto algo que está se retraindo, deixando de aparecer. A *passagem ao ato* faz fraquejar qualquer dialética que pretenda dar uma resposta de onde começa o ato suicidário passivo. Essa escrita, como aquela do homem lacaniano, constrói-se (se é que ela chega a se construir de fato) por um espaço numa origem que antecede o sujeito, sua ruína. É o outro que revela o *só-depois* da morte, o seu *Nachträglichkeit*, sua inoperância, enfim. Como demonstração do que é indemonstrável – a experiência da morte de si –, o suicídio assume uma *possibilidade da impossibilidade*, enquanto a morte permanece sendo essa *impossibilidade de qualquer possibilidade* (BLANCHOT, 1980, p. 114-115, tradução nossa). É o suicídio uma condição de possibilidade em se *aporetizar* a morte e mantê-la no espectro do acontecimento, de sua reiteração assombrada diante de qualquer resposta ontológica que possa vir a planificar uma dimensão orgânico-natural da mortalidade. Em seu aspecto impensável, o suicídio escreve-se, como que “cumprido por ninguém” (BLANCHOT, 1980, p. 115, tradução nossa). E, nisso, ele é duplo e arruinado por aquilo que é insignificante e precário.

Se é possível escrever não um monumento, mas uma ruína – ou ainda dizer que essa escrita necessariamente vem do precário, daquilo que é precário na paciência, na passividade –, a escrita precisa ser compreendida desde desse desejo de “torná-lo [o suicídio] real, quer dizer, impossível”. Essa ruína, como a bem descreve Derrida, está em qualquer autorretrato, em qualquer escrita de si, quando nela há o questionamento da origem e sua vinda como espectro.

É como uma ruína que não vem *a seguir* à obra, mas que queda produzida, *desde a origem*, pela adveniência [*avènement*] e pela estrutura da obra. Na origem foi a ruína. Na origem acontece a ruína, ela é o que primeiramente lhe acontece, à origem. Sem promessa de restauração. Esta dimensão de

simulacro ruinoso nunca ameaçou, antes pelo contrário, o surgimento de uma obra. [...] Ruína é o auto-retrato, este rosto fitado ou desfigurado como memória de si, o que *resta* ou *retorna* como um espectro desde que, ao primeiro olhar sobre si lançado, uma figuração se eclipsa. (DERRIDA, 2010, p. 70-71)

O eclipse de qualquer figuração, o olhar sobre si que se mata sob o olhar do outro, convoca essa ruína invisível que é escrever, ou ainda, que é o desastre: “*ruína de palavra, desfalecimento pela escrita*” (BLANCHOT, 1980, p. 58 , tradução nossa). Ela está sempre no mais original, no que configura a escrita como esse impensável, não distinguindo campo sensível do pensamento. O espectro assombroso do suicídio convoca essa morte *desde a origem* como rastro (e não como causalidade estruturante da psicopatologia do sujeito), e a passagem ao ato pode se dar por um convívio insuportável de neutralidade e precariedade, de consciência arruinada do pensamento, onde, como escreve Sylvia Plath, algo na origem permanece inimaginável e então:

[...] All obscurity
Starts with a danger:

Your dangers are many. I
Cannot look much but your form suffers
Some strange injury

And seems to die [...]

Your shelled bed I remember.
Father, this thick air is murderous
I would breathe water. (PLATH, 1989, p. 92-93)

Resta impensável, o surgimento disso que faz sombra na morte, nas feridas que parecem apelar, convocar um outro que não responderá, nem agora nem nunca; já que não se responde pelo neutro, antes ele responde a todo e qualquer outro. Essa precedência faz a memória de si arruinada – a *cama de conchas*, o *ar espesso mortífero*, a condicional em que o eu *respiraria água*. Blanchot, ao que parece, não era suicida, ao contrário de Plath. Não passou ao ato, não tentou sequer antecipar sua desapareição. E por acreditar não na morte, mas

no morrer, que forma o contínuo infinito contra qualquer totalidade, quis escrever, e escrever sempre parece ter sido “a degradação do querer, como a perda do poder, a queda da cadência, o desastre ainda” (BLANCHOT, 1980, p. 24, tradução nossa). E se há aqui um espectro que assombra essa experiência, ele pode ser duplicado, e não dialetizável, entre o suicídio e a escrita, ou ainda naquilo que parece ser o comunismo, como diz a nota de abertura de *L'entretien infini*,

[...] o advento do comunismo, reconhecido como a afirmação última, o comunismo estando sempre ainda além do comunismo. Escrever devém então uma responsabilidade terrível. [...] Escrever, sob esse ponto de vista, é a maior violência, pois ela transgride a Lei, qualquer lei e sua própria lei. (BLANCHOT, 1969, p. VIII, tradução nossa).

No limite finito da transitoriedade, o espectro do comum, da escrita que não chega a terminar, da quebra da lei. Há aqui como uma ruína que, no entanto, convoca sua temporalidade antecipada, anterior, num ato que é, de todos, o mais violento: escrever por desejo de morrer.

REFERÊNCIAS

BIDENT, C. *Maurice Blanchot – partenaire invisible*. Seyssel: Champ Vallon, 1998.

BLANCHOT, M. *Après coup précédé par Le ressassement éternel*. Paris: Minuit, 1983.

_____. *L'écriture du désastre*. Paris: Gallimard, 1980.

_____. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969.

DERRIDA, J. *Demeure*: Maurice Blanchot. Paris: Galilée, 1998.

_____. *Memórias de cego: o auto-retrato e outras ruínas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

_____. *Spectres de Marx*. Paris: Galilée, 1993.

EYBEN, P. Mal de escrita: antecipação da morte e mutilação do sentido. *Aletria*, Belo Horizonte, v.27, n.1, p. 91-108, 2017.

HEIDEGGER, M. *Gesamtausgabe. II. Abteilung: Vorlesungen 1923-1944. Die Grundbegriffe der Metaphysik: Welt – Endlichkeit – Einsamkeit*. Frankfurt-am-Main: Vittorio Klostermann, Band 29/30, 1983.

LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACOUÉ-LABARTHE, P. La contestation de la mort. In: HOPPENOT, É.; RABATÉ, D. (org.). *Cahier de l'Herne Maurice Blanchot*. Paris: Herne, 2014, p. 316-319.

_____. La naissance est la mort. *Lignes*, n. 22, p. 242-246, maio 2007.

LEVINAS, E. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Kluwer Academic, 2004.

PLATH, S. *Collected poems*. London: Faber and Faber, 1989.

Abstract

Writing before the ruin – disaster and suicide in Blanchot

Based on reading of The writing of disaster, Maurice Blanchot, this paper discusses suicide, an issue which is marginal in his work, as a constitutive element of writing and disaster notion. A non-dialectic is needed in this context, since Blanchot works with the idea that death and the act of making literature cannot exclude suicide which, as shown in the paper, also works in the heteronomy of passivity. Writing, therefore, comes to be understood as a ruined thought, a non-ontological approach to responsibility, but haunted, since its origin, by its hantology.

Keywords: *suicide, disaster, writing, Blanchot, hantology.*